

A B R I L  
D E 1 9 6 7

PUBLICAÇÃO MENSAL

# Estudos

Série M

N.º 13

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.<sup>mos</sup> Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

## Psicologia e educação

### A SUGESTÃO

Desenvolvimento do plano comunista para a conquista da África pela China — VIII

### EVOLUÇÃO RECENTE NA MORTALIDADE DAS CRIANÇAS DE 1 A 4 ANOS

### FORMAS IRREGULARES DA HEPATITE E DA DEGENERESCÊNCIA DO FÍGADO

### O PROBLEMA DA DELINQUÊNCIA JUVENIL — III

### O ENVELHECIMENTO DAS PESSOAS NERVOSAS

### O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE — VIII

A reacção psicossomática entre os impulsos do «libido» e da «moral social e religiosa»

### PROBLEMAS DE PSICOLOGIA E DE PSIQUIATRIA

### A AFONIA NERVOSA

#### PUBLICAÇÃO MENSAL

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTONIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão — Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B-C — LISBOA

Sala \_\_\_\_\_

Est. \_\_\_\_\_

Tab. \_\_\_\_\_

N.º \_\_\_\_\_

# UM TRANQUILIZANTE PARA CADA CASO

Tranquilizante geral

Probamato

Menopausa  
Excitações nervosas  
da mulher, devidas  
a insuficiências  
ovéricas

Insuficiências cardíacas  
Tequicardia  
Taquiarrítmia  
Cardioesclorose  
e em geral:  
Excitações nervosas  
dos cardíacos

Probonar

Pendulon

***O Probamato e as suas associações,  
constituem o melhor tratamento con-  
tra os diversos estados de ansieda-  
de, nervosismo e excitação***



ABRIL  
DE 1967

PUBLICAÇÃO MENSAL

# Estudos

Série M

N.º 13

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTONIO J. LEITE SARAGAMO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão — Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B-C — LISBOA

## Psicologia e educação

### A SUGESTÃO

#### VIII

## Desenvolvimento do plano comunista para a conquista da África pela China

(Continuação)

Mostrámos nos artigos anteriores como a sugestão é uma arma de alto valor e como o partido comunista a tem cultivado e usado no seu plano para a conquista do mundo.

Vamos continuar a relatar os comentários do Abade Youlou, antigo Presidente do Congo de Brazza, em que mostra inteligentemente o plano da China para a conquista da África, como movimento preparatório para a conquista da Europa. Verificamos assim como a sugestão continua a ser uma das primeiras armas para se conseguir a vitória de uma causa.

**Um plano secreto:** — Para espalhar o seu veneno, a chamada China popular dispõe de 48 embaixadores fora do continente asiático, dos quais vinte na África. Os seus diplomatas, na África, têm uma experiência média de doze anos, contra dez na Europa Ocidental e sete na União Soviética e nos países satélites. O Egipto, a Argélia, o Ghana e a Tanzânia beneficiam de um pessoal diplomático que foi previamente submetido a uma formação especial, depois de ter sido escolhido por funcionários do partido.

Chen Chia K'ang, secretário particular de Chou En-Lai na delegação chinesa à Conferência de São Francisco quando da formação da O. N. U., tem a seu cargo a Embaixada do Cairo desde 1956.

Conselheiro de Chou En-Lai em Genebra, em 1955, e depois em Bandung, em 1956, Chen Chia K'ang apresentou, em 1965, com base no



pleno êxito argelino do seu colega Tseng Tao — embaixador em Argel e antigo chefe dos escritórios cubanos da agência noticiosa oficial chinesa — um novo plano de acção diplomática africana.

Este plano preconiza: — o recomeço das operações subversivas no Congo de Leopoldville, a co-produção de aviões de caça e de bombardeiros, a instalação no Congo de Brazzaville de rampas de lançamento de mísseis, a extensão progressiva da cooperação técnico-militar ao domínio nuclear, a instalação (na África) de fábricas de enriquecimento do urânio, o esforço do pessoal especializado nas Embaixadas de Brazzaville, de Accra, de Dar-Es-Salam, do Cairo e de Khartoum, e finalmente o reforço dos orçamentos especiais destinados à guerra revolucionária.

E, como antigo Presidente do Congo de Brazzaville, comenta com razão a posição do seu Congo e da Argélia como trampolins para a conquista da África pela China:

Este plano — secreto, mas de que tive conhecimento — atribui grande importância «aos trampolins que o Congo de Brazzaville e a Argélia constituem, pelo que todos os esforços devem incidir sobre esses dois países». É posterior à revolução do coronel Boumedienne e lança uma sombra sobre o optimismo ocidental, que no agente chinês Boumedienne quer ver um renegado. A presença em Argel do embaixador Tseng Tao, especialista da actividade clandestina e de espionagem, desde sempre protector de Boumedienne e da sua pequena equipa revolucionária, que tudo lhe deve, leva-nos a pensar que a reviravolta do líder argelino se assemelha a uma manobra psicológica, destinada a iludir os ocidentais. As medidas tomadas contra o Partido Comunista argelino, hostil à China Popular, são significativas a este respeito. E é difícil imaginar que Tseng Tao, supervisor, no seu posto de Argel, de Huang Hua, embaixador no Ghana, de Ho Yung, embaixador na Tanzania, e até mesmo de Chen Chia K'ang, no Cairo, se tenha deixado surpreender pelo seu agente Boumedienne e pela diplomacia norte-americana.

Este plano, rigorosamente e inteligentemente estudado, a contrastar com a leviandade e ignorância com que foi facilitado pela América e Europa, começou a ser realizado por uma rede de tratados e pela acção activa das missões chinesas, como descreve o Abade Youlou:

**A teia dos tratados e das missões chinesas:** — O Togo, a Costa do Marfim, a Tanzania, o Burundi e o meu país, foram as primeiras vítimas dessa concepção muito especial, que tem a China Popular, da assistência técnica, económica, comercial, cultural e militar. Tudo principia por ofertas de assistência, dádivas, empréstimos. Em Setembro de 1963 foi assinado um acordo de cooperação económica com a Guiné. Em 1961 um tratado de amizade, acompanhado por acordos culturais e económicos, com o Mali e protocolos com a Argélia, a República Central Africana, o Egipto,



o Quênia e a Tanzânia. Desde 1956 visitaram a África mais de 150 missões militares chinesas no Ghana, no Mali, na Somália, na Tanzânia, na Argélia e no Sudão. Têm por objectivo o estabelecimento de campos de treino e a constituição de milícias populares, destinadas a alimentar o terrorismo no Congo de Léopoldville, em Angola, no Níger e no Uganda.

«Tudo isto que sabemos dessa longa marcha de um país tão afastado do nosso continente contribuirá, sem dúvida, para esclarecer a opinião mundial acerca do propósito da China de vir a ser uma potência africana, em substituição da França, da Bélgica, de Portugal e da Inglaterra, assim como da influência norte-americana.»

«Operações estratégicas, ofensivas diplomáticas, guerras revolucionárias.»

«Uma certeza: quinze anos depois da vitória alcançada sobre Chang Kai Chek, nove anos depois de Bandung, a China é a principal beneficiária da descolonização da África.»

É pena que o ex-Presidente só agora, depois de ser expulso, veja o problema!...

A seguir, Fulbert Youlou define o objectivo final da China (em que podia incluir também a Rússia, mas que neste momento, talvez não convenha ao Abade Youlou incluir. — A diplomacia obriga a muitas atitudes...).

Continua o seu depoimento:

**O objectivo final da China é o extermínio da raça negra, esvaaziando assim a África da sua substância pela chegada maciça de asiáticos:** «Em 19 de Novembro de 1958 Mao Tse-Tung, depois de ter reconhecido que «o comunismo jamais variou e jamais triunfou senão através do exemplo negativo das democracias», preconizava «uma política de provocação», especialmente para a África descolonizada. Cito: «A descolonização ameaça privar o movimento comunista do seu principal motivo de impregnações. É preciso deslocar o exemplo negativo do colono, que desaparece, para o do branco que permanece e para os chefes tradicionais indígenas.»

Imperturbavelmente, e depois de ter assim prevenido o mundo livre, Mao executa o seu plano, por todo o lado enchendo de fel e de raiva os corações e levando a Cuba, às Índias, ao Norte de África e à África Negra, «o exemplo negativo do sangue e do ódio». Escolas especiais, campos de treino, seminários políticos...»

«A formação dos guerrilheiros argelinos vai permitir a instalação do dispositivo revolucionário no Cairo e no Magreb, por meio das embaixadas, consulados e «escritórios de comércio» da China Popular. Temos aqui um ponto essencial da tática chinesa: a utilização das representa-

ções oficiais como baluartes da subversão, através de importantes distribuições de fundos, de munições, de armas, de instrutores e de material de propaganda.»

*Exactamente como os partidos comunistas, os Estados comunistas são secções de uma internacional que nunca escondeu os seus objectivos ideológicos, nem os meios empregados para os atingir. Os usos diplomáticos estão assim ultrapassados e a regra de jogo é a conquista dos espíritos e o apodrecimento lento da sociedade intelectual, paralisada no egoísmo do seu conforto e seduzida pelas miragens do modernismo, pela corrupção e pela espionagem. Tudo isto facilitado pela existência de partidos menos marcados, mas com as mesmas finalidades e de idiotas agrupados ao redor dos pregoeiros do progressismo.*

*O erro de todos os ingénuos que sinceramente julgam possível um diálogo com o comunismo vem do desconhecimento total do seu mecanismo, que visa a impor uma pseudo-ideologia, qualquer que seja o preço. Na sua planificação, esta máquina infernal arrasta noções humanas, sociais, fraternais, roubadas ao cristianismo e que espelhos deformados lançam na África a dúvida e a hesitação em espíritos generosos, ignorantes da condenação de Pio XI.*

*O mecanismo de que me esforcarei por revelar as engrenagens africanas aparentes — e digo aparentes, porque há outras — tem por objectivo final o extermínio da raça negra, esvaziando assim a África da sua substância pela chegada maciça de asiáticos. É uma colonização em plena expansão, coerente, lógica, terrivelmente eficaz. A escolha do continente negro pelos mais puros e duros da família marxista não foi, de resto, fortuita. É a única terra onde ainda é possível, sem criar excessivos riscos internacionais, abrir caminho ao preço da vida humana. Um milhão de vítimas no Congo e milhares de mortos em Brazzaville... Estes são os factos. E o que a revolução total pretende é a posse das incríveis riquezas do solo e do subsolo, assim como uma situação estratégica excepcional!...*

Em 25 de Abril de 1961 o «Boletim de Trabalho» do Departamento Político Geral do Exército de Libertação Chinês definia os objectivos a atingir, acentuando que a situação criada (na África) pela morte de Lumumba era excepcional, porque permitia «a personalização da ideia revolucionária ao redor de uma lenda mística, conforme com o particularismo dos povos atrasados». Esses objectivos eram a criação de equipas revolucionárias insurreccionais com o fim de derrubar os governos tidos na conta de pró-ocidentais, a destruição dos quadros tribais e o auxílio a todas as formas de socialismo, mesmo às não-comunistas.

*«Na África — afirmava esse documento — acham-se no poder muitos elementos das direitas, mas poucos elementos das esquerdas. É preciso*



*explicar-lhes a revolução chinesa a partir dos Taiping, passando pelos Boxers e por Sun Yat-Sen, para chegar à revolução comunista actual. Os africanos devem agir por eles próprios. Se, todavia, um ou vários países independentes efectuassem com o nosso auxílio uma verdadeira revolução nacionalista, a sua influência seria considerável e uma vaga revolucionária acabaria por submergir o continente. O ideal seria orientarmos os nossos esforços na direcção dos dois Congos, porque foi necessária toda a força persuasiva do nosso dispositivo de propaganda internacional para dar a ilusão de que Bandung interessara a África negra, a qual permaneceu conservadora».*

Este documento secreto, descoberto nos arquivos do «Exército de Libertação», mostra que a sua doutrina foi posta em execução.

Em 1955, entre 29 participantes na Conferência de Bandung, apenas 4 Estados africanos negros, a Etiópia, o Ghana, a Libéria e o Sudão, tomaram assento ao lado do Egipto e da Líbia na primeira reunião Afro-Asiática de alto nível e foi na verdade preciso, como assinalou o «Boletim de Trabalho» chinês, pôr em movimento «toda a força persuasiva do dispositivo de propaganda» para fazer crer ao Mundo que se tratava efectivamente de uma reunião Afro-Asiática em alto nível.

«O novo Bandung — acrescentava o mesmo «Boletim» — apresentava-se em melhores condições, mas permanece a expressão de uma minoria africana.»

O plano foi seguido com a consolidação da revolução na Argélia, a chegada ao Poder de elementos esquerdistas em Zanzibar, no Mali, na Somália, em Dar-es-Salan e em Brazzaville e o enquadramento técnico de todos os insurrectos e rebeldes africanos. O objectivo principal, que era o Congo, não foi, porém, atingido e, não obstante o desencadeamento da insurreição, o regresso ao Poder em Léopoldville de elementos das esquerdas malograra-se, como se malograra a insurreição. E a reacção vigorosa e construtiva dos governantes de Léopoldville fez voar em estilhaços a Organização de Unidade Africana, o que foi ainda mais grave para as perspectivas revolucionárias.

A resistência do Congo de Léopoldville iria ter, no entanto, para o meu infeliz povo, consequências trágicas.

Em 15 de Agosto de 1963, à hora em que os sinos de Santa Ana do Congo chamavam a multidão pacífica e laboriosa de Brazza, constituída, como sempre, por africanos negros e africanos brancos, elementos provocadores amotinaram uma escumalha de vadios, engrossada com refugiados de Léo, aos quais eu nunca recusara nem o asilo político nem o pão. Entre esses manifestantes circulavam os conselheiros técnicos da subversão congoleza e os seus homens de confiança, com as mãos ainda ensanguentadas pelos milhares de vítimas da rebelião. Durante três dias — dias a que Pequim no seu «Boletim de Trabalho» chamara «as três jornadas gloriosas» — esses assassinos vão destruir todas as possibili-

dades de resistência de uma população aterrorizada e assegurar-se da cumplicidade de uma pequena equipa de ambiciosos e sobretudo dos militantes sindicalistas, hoje amargamente arrependidos.

A Imprensa internacional, movida por esse mesmo oculto mecanismo que tão perfeitamente soube calar a consciência universal quando das chacinas do Kassai, dos católicos do Vietname e do «harkis» do Bachaga Boualam, apenas viu nessa ofensiva da subversão «uma manifestação do descontentamento popular», quando todos os que conhecem Brazzaville sabem quanto o meu povo me é dedicado, quer em consequência das minhas origens, quer em virtude das minhas convicções religiosas. Nem por um instante admiti a hipótese de mandar espingardear aquela irresponsável multidão. Mas há horas bem penosas para um estadista cristão e esse dia da Assunção de 1963 ficou para mim como uma data atroz. Para mim escolhi a cruz, mas para o meu povo continuo a esperar a Graça de Deus, Supremo Juiz.

Os infelizes serventuários dos chineses recuaram, todavia, quando se tratou de me assassinar. Não o fizeram por piedade, mas porque sabiam dos laços misteriosos e espirituais que me ligam ao povo congolês. Cobardes, vingaram-se nos meus colaboradores e renunciaram ao processo público que haviam pensado, preferindo o risco da minha evasão à cólera que a minha execução teria desencadeado.

Um dia virá, no entanto, em que revelarei todas as engrenagens desta incrível maquinação e as inesperadas e dolorosas cumplicidades com que contou. Por agora, o sangue, a prisão, a tortura, todas as ameaças que pairam sobre os meus amigos obrigam-me a ser discreto, mas é bom que se saiba que não conseguem manter-me inactivo.

A prova está neste meu depoimento. Num século em que os nossos inimigos utilizam a propaganda como uma arma, não temos o direito de calar o que sabemos da acção dos comunistas.

Depois de lermos este tão interessante depoimento, feito por alguém altamente responsável, chegamos a concluir que o sofrimento e expulsão do Abade Youlou foi um bem, porque ajuda a esclarecer o problema, ainda que continuem cegos, os que não querem ver..., este *negro inteligente* deve desprezar os *brancos e ignorantes* que estão aplaudindo a sua própria destruição e colaborando nela!...

O «Diário de Notícias», depois de publicar alguns artigos sobre as declarações do Abade Youlou, faz o seguinte comentário:

«A lição que o Abade Youlou dá, através de revelações da maior importância e objectividade, consiste fundamentalmente em tornar ainda mais nítidas, mais cristalinas, mais transparentes, as manobras, os conluíus, os arranjos, as intimidações e as renúncias que têm caracterizado a penetração comunista em África, nos últimos anos.»



«Mostra-nos o antigo Chefe de Estado toda a trama desenvolvida naquele continente e, sobretudo, a linha firme traçada pelo comunismo internacional para, aproveitando-se das soluções de compromisso, da falta de unidade ocidental, de um espírito de resignação e de transigência inexplicável, porque é inoperante, conquistar para o seu credo as massas ignaras e desorientadas.»

«Preocupa-se o abade Youlou, sobretudo, em trazer ao conhecimento do grande público a penetração chinesa em África, tanto mais preocupante quanto é certo que os dirigentes de Pequim se caracterizam por um fanatismo político e um proselitismo que ultrapassam tudo quanto estamos já habituados a observar e a sentir do lado soviético.»

«Não há dúvida — e os que duvidavam verificam diariamente o seu erro — de que a África tem vindo a ser vítima de um assalto organizado, em pormenor e pacientemente, pelas forças da subversão, forças que encontram, nas características peculiares daquele continente, terreno fértil aos objectivos que fazem parte da sua estratégia global.»

O que é para lastimar é que as forças de subversão tenham sido encorajadas pelo Ocidente; como os negros devem rir, depreciativamente, da curteza de vistas, ou imbecilidade dos brancos... (de alguns...)

E continua:

«Quanto o abade Fulbert Youlou nos conta detalhadamente, apoiando-se em factos iniludíveis, não é propriamente novidade para quem acompanha a conjuntura internacional.»

«No entanto, há inúmeras passagens dessa valiosa narrativa que constituem autênticas revelações, pois o antigo Presidente da República Congolesa viveu intensamente os acontecimentos e as intrigas de bastidores.»

«Até porque neles se encontrava directamente envolvido, primeiramente como protagonista de primeiro plano e depois como vítima.»

«De resto, a forma nada democrática como foi afastado do Poder, depois de ter prestado relevantes serviços ao seu país, é a mais gritante prova de que estadistas como Fulbert Youlou se tornaram incómodos, numa África em que se procura, quixotesicamente, opor o conformismo e o malabarismo a forças tão seguras do que querem e para onde vão como as representadas pelo comunismo chinês ou russo.»

«Por isso, pretender resistir a essas forças, pretender opor-lhes um dique baseado nas concepções ocidentais de civilização, é tornar-se indezjável a um coro absurdo, mas primorosamente afinado em todas as gamas que representem abdicação e retirada.»

«Portugal, que tem vindo sistematicamente nos últimos anos a chamar a atenção do mundo para os malefícios do comunismo em África, encontra em tudo quanto o abade Fulbert Youlou escreveu razão de sobra para prosseguir. Contrariando, tanto quanto lhe é possível e os seus

meios lhe permitem, essa onda de subversão, que só será irresistível se o Ocidente mais uma vez e ignominiosamente abdicar.

É interessante, juntar ainda o depoimento do primeiro ministro do Malawi, Dr. Hastings Banda, outro chefe preto inteligente.

Acerca da malfadada atitude dos ingleses contra os brancos da Rodésia, declara o Dr. Banda:

«Nem a China nem a Rússia entrariam em guerra com a Inglaterra por causa da Rodésia. Se a China ou Rússia, ou ambos, fizessem essa guerra e ganhassem, não a ganhariam para os africanos, mas sim para eles próprios.

Afirmou que não queria trocar o imperialismo ocidental da Inglaterra e da França pelo imperialismo oriental da China e da Rússia.»

E, referindo-se aos Chefes de estado negros, que se puseram ao lado dos comunistas, o primeiro ministro do Malawi acrescentou que não se deixaria guiar por pessoas ignorantes, que estão a milhares de quilómetros de distância da realidade.

«A sua ignorância sobre a Rodésia é maior do que a sua ignorância dos planetas Marte e Vénus. Preferiria ser expulso da Organização de Unidade Africana do que dar-lhes ouvidos. Falo com conhecimento de causa. Eles falam por ignorância crassa.»

Felicitamo-nos por serem os pretos os primeiros a dar razão à atitude de Portugal. É por isso que, enquanto desprezam os outros, nos respeitam e colaboram connosco no combate aos terroristas e muitos cooperam igualmente e deliberadamente connosco no desenvolvimento e progresso da África!

Este estudo mostra bem, qual o plano que se vem desenvolvendo no campo internacional comunista e, como demonstrámos, a importância que a «Sugestão» tem no movimento preparatório e executório do plano. Parece que o Mundo começa a abrir os olhos...

---

### CURIOSIDADES

● — Estudos sobre os números estatísticos no problema do «casamento» — Por ser curioso, transcrevemos as seguintes notas de Henri Tonichet, que foram publicadas no «Diário de Notícias»: — Em França, há menos solteironas (8 por cento da população) que solteirões (9,5 por cento). — «Record» do Mundo: a Noruega, com 18 por cento. — Mas os celibatários idosos não devem desesperar: a proporção das pessoas que se casam depois dos sessenta anos tem aumentado (em relação a 1930, 33 por cento para os homens e 45 por cento para as mulheres). O Francês é conservador. Distância média entre as povoações de origem dos noivos: 11 quilómetros; 60 por cento dos esposos são originários do mesmo local; 69 por cento pertencem ao mesmo meio social; 34 por cento são amigos de infância. Uma frase de Sacha Guitry (casado cinco vezes!): «O primeiro homem que se casou não sabia; o segundo foi indesculpável...».



## EVOLUÇÃO RECENTE NA MORTALIDADE DAS CRIANÇAS DE 1 A 4 ANOS

A mortalidade nas crianças tem diminuído muito nos últimos anos, sobretudo entre 1 e 4 anos. Portugal ocupava há cerca de 50 anos um lugar entre os países classificados de «mortalidade elevada», hoje grandemente modificada. A França, que em 1954 ainda ocupava um lugar preocupante, já atingiu o lugar de «mortalidade média» e nos últimos 4 anos esta percentagem atingiu os números mais fracos.

Isto vai sucedendo, paralelamente em todos os países.

As causas da morte variam com a idade; de 1 a 4 anos são quase as mesmas do que até 1 ano; no entanto os acidentes começam a ter um papel importante, que vai aumentando.

### Mortalidade de 1 a 4 anos

Em 1963 a taxa de mortalidade era de 1,08. A França ocupa na Europa uma situação média, pois a mortalidade é mais forte nos países orientais e mediterrâneos e mais fraca nos países nórdicos.

Em 1954-1956 a mortalidade de 1 a 4 anos em França era superior à da maior parte dos países da Europa Ocidental, mas a percentagem tem evoluído favoravelmente depois.

Em todos os períodos de idade, depois de 1935 a mortalidade foi maior nos rapazes do que nas raparigas, mas a evolução vai sendo paralela nos dois sexos.

As principais causas de morte em 1963, foram os acidentes, que atingiram a percentagem de 20 %, sendo mais frequentes nos rapazes do que nas raparigas. As doenças infecciosas (excluindo as dos aparelhos respiratório e digestivo) ainda foram em 1963 uma causa importante; a gripe e a coqueluche ocuparam a maior parte. As doenças do aparelho respiratório, representam o terceiro lugar (12,2 por 100.000).

A mortalidade por malformações congénitas, sendo menos elevada de 1 a 4 anos do que após o nascimento, ainda representa 10,6 para 100.000). É também importante o número de mortes devidas a lesões do sistema nervoso.

A seguir damos as indicações da mortalidade das crianças de 1 a 4 anos, em alguns países estrangeiros europeus, de 1954 a 1960 (percentagens por 1.000).

	1954-56	1957-59	1960
Dinamarca	1,05	0,96	0,94
Finlândia	1,62	1,70	1,08
França	1,74	1,50	1,19
Alemanha Ocidental	1,58	1,40	1,32

## ESTUDOS

Holanda	1,26	1,27	1,17
Noruega	1,21	1,06	1,10
Suécia	0,99	0,91	0,87
Suíça	1,54	1,38	1,31
Inglaterra e País de Gales	0,95	0,92	0,87
Irlanda do Norte	1,08	1,03	1,17
Escócia	1,19	1,07	1,02

Em Portugal, a grande percentagem da mortalidade infantil até 1910 foram as infecções intestinais, das quais uma particularmente, a diarreia verde infantil, ocupava de mais de 80 % das mortes por diarreia. Entretanto Metehnikoff descobriu a acção dos bacilos lácticos nas infecções intestinais e imediatamente foram lançados em França medicamentos de culturas de bacilos lácticos, a *Lactobaciline* e depois o *Lacteol*, que provocaram a resolução de lançar em Portugal, as mesmas culturas, com diversos nomes, entre os quais o de Bacilina Láctica, o que fez diminuir muito a taxa da mortalidade; mais tarde, em 1913, foi descoberta, em Portugal, uma associação de bacilos lácticos à levedura de cerveja, a Lactosimbiosina, cuja acção era muito superior, o que fez com que a taxa de mortalidade diminuísse muito; a *diarreia verde infantil*, a maior causa da mortalidade, diminuiu extraordinariamente nos quinze anos seguintes até que ultimamente desapareceu, praticamente, das causas da mortalidade infantil no nosso país.

Depois de vinte anos de experiências chegou-se à conclusão de que o uso regular da Lactosimbiosina nas crianças, não só curava as infecções intestinais, mas era um meio profilático de alto valor, para defender a criança contra as múltiplas infecções e irritações intestinais, tendo-se depois chegado à conclusão de que esse uso contribuía fortemente para que as crianças se desenvolvessem bem e se tornassem adultos fortes e saudáveis.

### Mortalidade de 5 aos 14 anos

Em 1963 as percentagens eram de 0,41 entre os 5 e os 9 anos e de 0,33 entre os 10 e os 14 anos.

As variações entre os diversos países europeus eram muito inferiores às do quadro anterior, mas permitiram verificar que os países mediterrâneos e alguns do oriente conservavam a percentagem elevada.

A mortalidade dos 5 aos 14 anos não diminuiu espectacularmente nos últimos anos, em que as percentagens tendem a estabelecer-se.

As mortes por acidentes têm a maior percentagem neste período, do que entre 1 e 4 anos. Em 1963 a percentagem era de 14,3 para 100.000 dos 5 aos 9 anos e de 11,9, dos 10 aos 14 anos.



Vem a seguir as mortes por leucemia e cancro, que em 1963 era de 7,4 para 100.000 dos 5 aos 9 anos e de 6,6 dos 10 aos 14 anos. Pelo contrário, a mortalidade atribuída às doenças infecciosas, às doenças do aparelho respiratório e às malformações congénitas, diminuíram muito, em virtude dos novos meios de acção que os médicos têm hoje.

---

## FORMAS IRREGULARES DA HEPATITE E DA DEGENERESCÊNCIA TOTAL DO FÍGADO

Existem umas variedades de inflamações do fígado que se instalam de uma maneira insidiosa, mais ou menos lentamente, sem que o doente se aperceba, senão quando a hepatite já é intensa.

*Jimenez Dias* cita vários casos que apareceram na sua clínica:

Uma senhora, solteira, de 28 anos, queixava-se de que há cerca de um mês, principiou a fatigar-se (não era fadiga, mas sim astenia muscular) e, quando chegava a casa, sentia palpitações, sensação de opressão, inchação dos tornozelos e pernas e palidez da pele e das mucosas; passou a ter dores de cabeça frequentes e intensas e urinava pouco, mas principalmente de noite. Quando nasceu, o parto foi laborioso, com forceps, do que resultou uma hemiplegia, de que ainda conserva uma certa tremura nos movimentos intencionais.

O diagnóstico era difícil, porque os rins eram normais, bem como a circulação; ora como as insuficiências hepáticas são muitas vezes causadoras de edemas, examinou-se novamente a doente, tendo-se diagnosticado insuficiência hepática, apesar de não haver nenhuma indicação de hepatite; o resultado do tratamento mostrou que o diagnóstico estava certo.

Outro doente, que morreu com uma atrofia do fígado, com hepatite profunda, nunca tinha apresentado icterícia.

Outro doente, de 43 anos, contou que há 6 anos tinha começado a notar inchaços nos pés, que depois subiram para as pernas e músculos; mais tarde, começou-lhe a inchar o ventre e o médico fez uma punção em que encontrou líquido de ascite; melhorou um pouco, mas a ascite continuava, ainda que menor, e, pouco tempo depois, voltaram os inchaços nas pernas e aumentou o líquido de tal forma, que lhe tiveram de extrair 12 litros; um tratamento diverso, conseguiu melhoras. Mais tarde, começou a apresentar excitações e, em virtude de vários sintomas suspeitou-se de uma hepatite, mas entretanto o doente morreu. A autópsia mostrou haver derrame pleural e do mediastino, com grandes aderências; o fígado, bem como o baço, estavam fortemente aderentes, hipertrofiados, com grande degenerescência do tecido hepático.

Verificámos que estes doentes do fígado não tinham sintomas directos de hepatite e, apesar das lesões profundas do tecido hepático, não apareceu icterícia.

Devemos pois concluir que quando um doente apresenta sintomas variados, com perturbações digestivas, dores de cabeça, inchaços e não encontramos outras razões, temos de pensar que se está a passar um processo degenerativo subreptício do fígado e convirá fazer uma investigação profunda para o pesquisar e tratar (1).

---

## O PROBLEMA DA DELINQUÊNCIA JUVENIL

### III

Tratámos nos dois artigos anteriores do problema, cada vez mais preocupante, da delinquência infantil e juvenil e da sua acção na dissociação da família e no aumento da criminalidade.

Vamos continuar o estudo deste problema, mostrando que a onda de desorganização que vai invadindo a Sociedade, é devida ao desvio psicológico que se está efectuando nos jovens, o qual já vai atingindo a família, que é o seu melhor esteio e criando um problema social que ameaça tornar-se violento.

Começa a considerar-se «chic», a destruição de todos os grandes princípios e mesmo a destruição de objectos, mesmo que sejam obras de arte ou monumentos históricos altamente respeitáveis, por estes novos vândalos de que uma onda de mal-entendido «chiquismo» exige uma repressão moralizadora.

A propaganda da destruição é tão grande que um país, até aqui considerado como um país calmo, está a ser vítima de uns revolucionários destruidores — os *provos* — cuja propaganda eleitoral foi tal que chegaram a eleger um dos seus camaradas sem gravata para conselheiro da municipalidade de Amsterdam. Logo a seguir manifestaram-se com gritos contra uma senhora, grande mãe, altamente respeitável, a rainha Juliana, quando passava no seu automóvel, para fazer o discurso de abertura do parlamento.

---

(1) Como dissemos em artigos anteriores, todo o doente de fígado necessita de estar atento sobre a degenerescência deste órgão tão importante, que se vai agravando com a idade; por isso deve sempre fazer o tratamento da regeneração do fígado, tomando lipotrópicos, dos quais, o mais eficaz, por ser uma associação de diversos, é a Colimetina, de que se deve tomar, regularmente, uma a duas cápsulas a cada refeição, durante três semanas, seguidas de uma semana de descanso, depois da qual se retoma o tratamento; conseguirá assim melhorias progressivas, ainda que lentas, até chegar à cura completa.



A propósito do que temos exposto nestes artigos, transcrevemos, com a devida vénia, um artigo do Sr. Dr. Fernando Fragoso, publicado no *Diário de Notícias*, de 21 de Setembro último, sob o título «Os apóstolos da destruição»:

«Em Londres realizou-se há dias o simpósio da «Destruição pela Arte». Talvez o leitor não saiba exactamente do que se trata. Nós também não. No entanto, através das declarações do americano Ralph Ortiz, «leader» do movimento, e dos factos desenrolados no decurso da sessão inaugural, não será difícil descortinar os objectivos da reunião.

Com aplauso geral, o sr. Ortiz, nas palavras de apresentação, proclamou «a necessidade emocional de experimentar toda a gama de destruições». E assim, no programa dos trabalhos, figurava o espectáculo empolgante da morte de um canário. Ora matar aves canoras ou ornamentais em Inglaterra é, pelo menos, tão impopular como transformar em bifes as vacas sagradas da União Indiana. Temendo reacções desagradáveis, o porta-bandeira do movimento renunciou ao sacrifício da avezita. Mas para não defraudar inteiramente os assistentes, e à falta de melhor, proporcionou-lhes a exibição de um documentário cinematográfico sobre o abate de frangos num aviário-modelo.

Com receio de que a visão das aves depenadas e cabeças cortadas se mostrasse insuficiente, para libertar os congressistas de eventuais obsessões — não fossem, coitadinhos, criar complexos! — o sr. Ortiz, sempre previdente e oportuno, mandou distribuir entre os presentes cartuchos de papel. E foi, assim, a rebentar voluptuosamente os invólucros previamente cheios de ar que a douta assembleia encerrou os trabalhos. Não temos conhecimento das respectivas conclusões. Tudo quanto sabemos é que se salvou o canário.

Não há dúvida de que a psicose da destruição ganhou terreno nos últimos anos. A violência instalou-se no Mundo. Pavoneia-se em todos os meios e patenteia-se em todos os sectores. Invadiu o espectáculo, inspira as artes e comanda certa literatura. Não temos de ir ao seu encontro. Ela vem ter connosco. Entra em nossas casas através do pequeno «écran». A morte tornou-se um pretexto banal de entretenimento das horas de lazer. James Bond pode considerar-se o ídolo de quantos encontram na destruição a satisfação de recalcados instintos. O agente de espionagem tem «ordem para matar». É uma prerrogativa valiosa — e invejável, nos tempos que vão correndo...

Certa juventude, em determinados países, terá aparecido como expoente de uma turbulência cuja natureza sociólogos, pedagogos e psiquiatras procuram estudar e explicar.

Todos sabem que os «teddy boys» de países nórdicos, sem razão aparente, vivendo em paz, na civilização e na abundância, não tendo sofrido a influência das forças desagregadoras e corrosivas da guerra, se reúnem

em excitados grupos, com o único propósito de destruir. Nada lhes escapa então. Nem automóveis estacionados, nem montras de estabelecimentos! Do mesmo modo, o «monôme» do «Bac», em Paris, transformou-se num festival de prisões e cabeças partidas. Os «provos», os «mods», os «rocks» e os «blousons» são outros tantos naipes do mesmo baralho de desordeiros.

Os bárbaros que decapitaram a sereiazinha de Copenhaga pertencem, decerto, à seita de Ralph Ortiz. Provavelmente, o gasganete das aves já não lhes dava emoções. Voltaram-se então para o pescoço de bronze da delicada figurinha criada pelo génio de Ericksen. Em escala menor, mas não menos lamentável, situam-se os energúmenos nacionais que se dão periodicamente ao desporto de partir os dedos da «Verdade» do Eça, os que atentaram contra a estátua do «Cavador» ou ainda aqueles beneméritos cidadãos que, numa noite de Inverno, cortaram o fio dos auscultadores das cabinas telefónicas de vasta zona citadina.

Determinada literatura do pós-guerra bateu a tecla de que os distúrbios da gente moça seriam consequência da angústia evidenciada pelas novas gerações ante a ameaça da bomba atómica. Enquanto o engenho nuclear não destruísse a humanidade, a mesmíssima humanidade, para afirmar o seu pacifismo, e protestar contra o perigo latente, deveria destruir o que tivesse à mão! É certo que, nos tempos de hoje, a lógica anda pelas horas da morte! A verdade, porém, é que não se compreende a atitude dos inadaptados, à luz das razões invocadas.

Aliás, a contrariar as laboriosas teorias dos literatos, que nos apresentavam uma mocidade vergada ao peso de próxima e inevitável catástrofe nuclear, um inquérito efectuado em França, entre jovens de ambos os sexos, trouxe respostas desconcertantes. Rapazes e raparigas, nascidos muito depois da última conflagração mundial, declararam desejar um novo conflito à escala dos anteriores. «Porquê?» — perguntaram-lhes. As respostas não foram muito esclarecedoras: «Sei lá... talvez se tornasse possível abater barreiras sociais, que ainda subsistem... Poderíamos recomeçar, a partir do zero»... Através das meias palavras pressente-se a ânsia incontida da destruição, da tormenta, do caos, ou de fundar, pelo menos, sobre eles, uma ordem nova..., mas sim um plano de ambições, a não ser a de *destruir*...

A própria música, outrora repousante e embaladora, tem levado a juventude, nos últimos anos, a excessos condenáveis. As guitarras eléctricas desencadeiam facilmente a histeria das multidões. Os auditores caem em transe, desmaiam, gritam, arranham-se e comportam-se como autênticos possessos. E, assim, o êxito de um ídolo do «rock» ou do «yé-yé» não se mede pelo volume dos aplausos ou pelo número de chamadas à cena.

— Correu bem o espectáculo?



— Admiravelmente!... Trinta prisões. Doze feridos. E duzentas cadeiras partidas. Foi um sucesso!...

Na actual bolsa de valores, a extensão da balbúrdia e o volume da mobília escaqueirada são índices seguros para aferir a valia dos ídolos da juventude, na música e na canção!

Os americanos têm um respeito quase supersticioso pelos complexos. Perante a vaga dos paladinos da destruição entenderam que melhor será não os contrariar. Mas como dar-lhes ensejo de descarregar suas frustrações sem afectar gravemente o património de cada um ou os valores nacionais? Pequeno problema, facilmente resolvido pela técnica. Deste modo acaba de aparecer no mercado a «nothing box» — a «caixa de coisa alguma», se assim lhe quisermos chamar. Trata-se de um bloco de aço que emite alternadamente ténues raios de luz de várias cores, tão inúteis como a própria caixa. Uma vez estabelecido o contacto, as luzes funcionam durante um ano. E já ninguém poderá desligá-las. Aquele objecto inerte toma diabòlicamente a aparência de uma coisa viva. Começa por irritar e não tarda a despertar o desejo de «matar», de se lhe tirar a «vida», que parece ter. O mais calmo dos homens perderá a cabeça. Arremeterá então contra o maquiavélico brinquedo, no desejo irreprimível de despedaçá-lo. Tarefa ingrata! Poderosamente blindado, resiste, durante muito tempo, aos golpes do martelo e do machado. É malhar em ferro frio. Mas o homem acabará por vencer. Ficará então liberto dos seus complexos — e terá dado satisfação ao recalcado desejo de destruir.

A «nothing-box» e o canário do sr. Ortiz são dois expoentes da mesma inquietação e encerram em si uma dolorosa parcela do drama quotidiano. A humanidade está doente. E a psicose da destruição não é certamente dos menores males...

---

## O ENVELHECIMENTO DAS PESSOAS NERVOSAS

As pessoas nervosas, preocupadas constantemente, ansiosas, envelhecem em geral mais cedo do que as pessoas normais; nas mulheres esta situação ainda se agrava mais próximo do período da menopausa e continua a agravar-se depois desse período, com exarcerbações nos períodos em que costumavam ter as suas regras.

Por isso, estes doentes, porque esse estado ansioso, representa um estado doentio, devem procurar por meio de uma educação constante de autodomínio, modificar o seu temperamento.

O estado de excitação é substituído em alguns doentes por um estado de perturbações de natureza depressiva, ansiosa ou hipocondríaca. Muitas destas pessoas não se conformam com as pequenas ou grandes con-

triedades e vivem em um estado de revolta constante, o que contribui para o seu isolamento; por outro lado, é com pavor que pensam que estão a envelhecer e que isso prejudica a sua estética (especialmente as mulheres). Tanto algumas mulheres como alguns homens não aceitam a ideia da velhice ou da morte, que para eles representam um estado de desgosto, depressivo.

Os conselhos psicoterápicos conseguem muitas vezes modificar este estado de espírito e há casos em que se consegue uma transformação da psicologia do doente. As melhoras resultam de um reforço da personalidade do «Eu», paralelamente ao enfraquecimento dos impulsos, especialmente dos impulsos violentos, sem *contrôle* do raciocínio.

A evolução do estado psíquico destes doentes pode ser favorável, quando se consegue dominar, por meio do raciocínio e da vontade, a tendência para os impulsos violentos e a aceitação da velhice, procurando que ela se desenvolva o mais lentamente possível <sup>(1)</sup> e combatendo todos os motivos causadores da «velhice precoce».

A evolução é desfavorável quando se dá um movimento regressivo, devido tanto aos factores externos (isolamento afectivo, dificuldades económicas) como a factores internos (diminuição a resistência neurótica, descomando do sistema nervoso, agravamento das degenerescências das vísceras, próprias do envelhecimento dos tecidos).

Concluimos pois que uma das consequências dos factores que aceleram o envelhecimento é a *falta de comando dos nervos*, a quase impossibilidade de comandar as excitações. Quando os conselhos psicoterápicos e a vontade não consigam dominar os estados de excitação, torna-se indispensável *tomar* um «tranquilizante». Como já dissemos em artigos anteriores, os estudos feitos sobre os vários tranquilizantes mostravam que há alguns que podem ser prejudiciais; o mais inofensivo de todos é o Probatato, que se pode usar na quantidade mínima de um comprimido, ao deitar; se não der o resultado suficiente, aumentar para 2 ou 3 comprimidos por dia. As mulheres devem-lhe preferir o Probonar, que

---

<sup>(1)</sup> A quem interessar os problemas das idades avançadas (gerontologia) recomendamos a leitura dos seguintes artigos publicados nos «Estudos»:

Na 3.ª série: — A «segunda idade», exercícios físicos e seus efeitos (n.º 27) — Indicações e contra-indicações dos exercícios na «segunda idade» (n.º 28) — O envelhecimento normal e a velhice precoce (n.º 29).

Na 4.ª série: — Higiene mental na 2.ª idade e na velhice (n.º 17) — Psico-sociologia das pessoas de idade (n.º 25).

Na 5.ª série: — Envelhecer, o mais tarde possível! (n.º 1) — Perturbações da idade avançada e da velhice. A agitação e a hostilidade dos velhos. A depressão, a apatia e os estados confusionais dos velhos (n.º 4). — A vigilância do organismo para defesa da saúde e prolongamento da vida (n.º 8) — Cansaço Físico e Cansaço Psicológico (n.º 12) — As relações entre os pais e os filhos na segunda idade da vida (n.º 14) — A saúde e a doença nas idades avançadas, no homem e na mulher (n.º 15).



é uma associação do Probamato às hormonas ováricas; efectivamente, muitos estados de perturbação são provocados por diminuição da produção das hormonas ováricas pelo organismo e aquela associação tem-se mostrado mais eficiente nas mulheres, sobretudo depois da diminuição ou paragem das funções ováricas, isto é, em geral depois dos 45 anos; toma-se nas mesmas doses do Probamato.

Quando a excitação se manifesta por perturbações da enervação do coração, palpitações a seguir à mais pequena emoção ou irritação, deve preferir-se o Pendulon nas mesmas doses.

---

## O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

### VIII

Procurámos, nos artigos anteriores, esclarecer vários problemas que a educação religiosa e a educação política criaram no espírito do indivíduo e influíram na formação da sua personalidade.

Estudámos, em primeiro lugar, os «Exageros e desvios que fazem entrar a personalidade de um indivíduo — o «*Eu*» — no domínio da psico-patologia; estudámos depois a influência das diversas religiões e das Igrejas sobre a personalidade, especialmente dos israelitas, muçulmanos e cristãos e, a seguir, o estudo do temperamento sentimental e os seus conflitos religiosos. Vamos agora continuar o estudo deste interessante problema.

### **A reacção psicossomática entre os impulsos do «libido» e da «moral social e religiosa».**

O organismo do homem, sente, como o dos outros animais, a impulsão criadora do «libido que lhe faz apetecer o contacto com o sexo diferente, contacto indispensável para que o mundo continue.

Os animais estão livres dos complexos sobre o «libido»; sentem-o e, se não forem contrariados, completam a sua impulsão, determinados pela natureza, para que se exerça o acto da reprodução.

Os homens e as mulheres, porém, deparam com problemas graves, que por vezes perturbam todo o seu organismo e que têm grande influência sobre o seu desenvolvimento psíquico e físico; é a este drama que chamamos a «reacção psicossomática» entre as impulsões naturais e a «moral social e religiosa».

Todo o homem e toda a mulher sentem essa impulsão, o «libido», desde muito jovens, mesmo inconscientemente. Mais tarde, vem o amor,

a camaradagem entre rapazes e raparigas, que é uma manifestação encobridora do sentimento natural, o desejo claro, sem disfarces e o acto da posse, quando é possível.

No entanto, desde a mais tenra infância, a criança é sujeita à educação social, à *decência*, ao *decoro*, etc. e, mais tarde, às regras sociais, que põem em ordem as relações entre o homem e a mulher e que são indispensáveis ao equilíbrio da vida na sociedade a que pertencemos e que, quando não são respeitadas, podem originar a intervenção das autoridades, encarregadas de manter esse equilíbrio, a «ordem». Mas, por outro lado e simultâneamente, toma-se a educação religiosa, que é rigorosa sobre essas relações e que, além da lei humana, feita pelos homens, faz ainda entrar as leis da consciência e do temor do castigo de Deus, quando se não respeita o que está estabelecido, isto é, quando se obedece ao sentimento natural do «libido».

Este conflito entre o comando natural dos nossos impulsos e as leis estabelecidas pela sociedade, pela educação moral e religiosa, atinge, por vezes gravemente, os jovens e os adultos.

As pessoas religiosas e, sobretudo, as não nervosas, pouco enérgicas, de temperamentos não emotivos, não sofrem os choques psico-somáticos de que os outros podem ser vítimas. Mesmo nas pessoas sanguíneas, como nas *amorfas*, o respeito pelas convenções dos meios educativos ou as regras intransigentes do meio social, só se mantém pelo receio de «parece-mal» e da polícia de costumes.

Uma pessoa religiosa, sem educação, um «primário», não pode imaginar um Deus, rígido, sem coração, que seja capaz de guardar, por toda a eternidade, o rancor contra uma alma responsável por qualquer pecado cometido há muito tempo e para o qual é difícil conceber um sentimento de profundo arrependimento; a ideia de um Ser Bom, um Deus, implica necessariamente a ideia de perdão e não se julga admissível não ter perdoado; os homens sentem, como as crianças, que quando se humilham a pedir perdão contristadamente, não é admissível não serem perdoados.

Nos «actualistas» e nos «racionalistas», a recusa da abolição ou excomunhão não tem grande importância. Mas as pessoas recém-casadas, que foram obrigadas por razões sociais a divorciar-se, revoltam-se contra as disposições de algumas pessoas ou da sociedade, que não consideram que o segundo casamento seja válido, para quem a nova esposa ou o marido, são considerados depreciativamente como «amantes». Quando o padre, lhes impõe a penitência de abandonar a nova família, por vezes já com um ou mais filhos, não compreendem e revoltam-se ou o seu sentimento religioso é capaz de originar uma psicose, sobretudo nos emotivos, que pode tornar-se, de passageira a definitiva.

As pessoas emotivas, os apaixonados, e sobretudo os sentimentais, que não têm a energia necessária para poderem enfrentar e lutar contra



as suas fraquezas, serão facilmente torturados pelos pensamentos das consequências longínquas das suas faltas, por vezes, além da morte. São estas pessoas que, nos confessionários, preocupados com uma confissão perfeita, porque só assim se sentirão perdoados, se acusam todos os anos da mesma falta, do mesmo pecado, com receio de que, pela sua delicadeza e melindre, não tivesse sido bem explicada no ano anterior, pois acredita que um pecado, disfarçado em confissão, não merece perdão, porque é um sacrilégio o querer disfarçá-lo perante o confessor.

O papel do confessor, não é simples; tem muita gravidade. O confessor dispõe de uma acção psíquica, muito profunda e que pode ser muito violenta, que outra pessoa não tem sobre o confessado, que sente, raciocina e teme, pelo presente e pelo futuro. O confessor moderno já hoje é instruído sobre a forma de conduzir a confissão e interpretar os sentimentos do confessado, de forma a dirigir os conselhos.

Alguns confessores sabem mostrar-se discretos e delicados, sobre as perguntas e interpretações das respostas, por vezes difíceis e íntimas, em que não falaram com ninguém, sobre coisas que se prendessem com o seu «libido»; outros, por feitio próprio, são às vezes bruscos e aterradoros.

Sabemos que a Igreja Romana exige, não somente o auto-comando completo das tendências funcionais mais espontâneas, como o contrôlo dos sentimentos e das impressões no plano psíquico; mesmo os casados têm de ter uma conduta, que deve ser moral, nas suas relações físicas e é difícil estabelecer os limites da moralidade e do «libido»; é mesmo aconselhado às pessoas solteiras, que devem repelir voluntariamente todas as reacções psíquicas—libidas, mesmo quando o sentimento de estímulo, de origem externa, os interessa por involuntário ou fortuito.

O «moralista absoluto» dá a mesma gravidade à atenção do que à acção e mesmo no acto, porque a *atenção* sobre um assunto em pessoa (como por exemplo, de uma mulher que passa ou um rapaz com quem se fala) desenvolve a *atenção* e facilita o complemento. Ora, na confissão, quando se insiste sobre a descrição exacta da falta, com pormenores, choca-se a psicologia do confessado e quando se aconselha a desviar o pensamento, que só por si é já um pecado, o esforço de não querer pensar no caso é que o obriga a lembrá-lo constantemente, com todos os seus pormenores.

Os escritores têm também um papel muito importante e grande responsabilidade na sua acção. Um conto ou um romance, para ser interessante, leva o autor a pôr em evidência certos actos e pensamentos que actuam sobre o leitor, emocionando-o, o que o autor pretende, especialmente para promover a venda da sua publicação. Ora alguns destes autores, pretendendo mostrar-se moralistas, tornam-se perigosos, quando atendem mais aos seus desejos de publicidade do que ao seu plano moralizador.

O confessor, por seu lado, tem que ser muito prudente quando confessa uma criança, ainda ignorante e impubere; não lhe deve fazer perguntas sobre maus pensamentos ou actos imorais, que ela não confesse espontâneamente, porque lhes pode despertar a curiosidade ou lançar na confusão, por não saberem responder cabalmente e, por outro lado, despertar a curiosidade natural de desvendar certas coisas, ainda misteriosas...

Sabemos a que paradoxos tem conduzido alguns exageros de pais e de educadores, sobretudo em alguns colégios.

A psicanálise parece demonstrar que nos adultos (sobretudo nas mulheres) certas formas de frigidez ou de complexos ainda mais graves, são causadas pela inibição provocada desde a sua infância por exames de consciência demasiadamente rigoristas, o que é tanto mais prejudicial quanto as obrigações impostas à linguagem no estilo religioso, lançam na maior imprecisão a definição da limitação entre o que é lícito e o que é ilícito, confiando precisamente à imaginação de cada pessoa o cuidado de estabelecer por si própria o que é condenável e o que não o é. É uma grande dificuldade e uma grande responsabilidade para muitos.

Quando se quer que um filho ou filha, sejam um futuro homem ou uma mulher, que será uma futura esposa e mãe de família temos de as preparar para essa função respeitável, aconselhando-lhe a honestidade que deve ter um futuro pai ou mãe, os quais terão a responsabilidade de gerar, criar e educar os seus filhos! — Educação virtuosa, mas clara! — Para talhar um filho, futuro cidadão, é necessário ensinar-lhe a viver em sociedade, e dar o exemplo, ser virtuoso, mas é necessário também ser inteligente para ser um bom educador. As interpretações podem conduzir a certos casos extremos, particularmente dolorosos para filhos e pais.

Modernamente já muitos padres têm sido aconselhados sobre as perturbações psíquicas que um julgamento terrificante pode provocar e por isso já estão preparados para enfrentar as situações complicadas e difíceis que os penitentes lhes põem.

Um padre deve ser sempre um bom conselheiro. Quando estiver em frente de uma pessoa que pode julgar que não é normal psiquicamente, é preferível interromper a confissão, dizendo-lhe que é preferível voltar para continuar a confissão, tomando qualquer pretexto, e, entretanto, falar com um psiquiatra a quem expõe o problema, ou a qualquer médico amigo, sobretudo o médico da família.

Na educação moral e religiosa, como temos dito em outros artigos, torna-se de cada vez mais necessária a colaboração do médico, do director espiritual, dos professores e dos pais, para se modelar um espírito em formação, que será lançado em um mundo de contrastes e choques, quase sempre impiedoso nos seus julgamentos. Temos de preparar a



criança e o jovem para poderem caminhar no *perigoso e difícil caminho da vida...*

No próximo artigo, continuaremos este estudo, principiando pelo exame das «predisposições e antagonismos dos vários temperamentos perante o acto da confissão».

---

## PROBLEMAS DE PSICOLOGIA E DE PSQUIATRIA

Foi tão interessante a discussão sobre os problemas que os sucessos actuais têm influenciado, para o aumento dos casos de perturbações mentais, que já dedicámos dois artigos ao relato das teses apresentadas no XIX Congresso sobre saúde mental, de Genebra; mas o seu interesse é tão grande que continuamos com este artigo, o relato dos problemas ali discutidos.

### **É necessário tirar à «psiquiatria» o aspecto misterioso que, para muitos, a envolve**

O Dr. J. de Ajuriaguerra, professor da Faculdade de Medicina de Genebra, deplora a forma como o público ainda cerca a *doença mental*, como se esta fosse quase misteriosa e difícil de compreender. É necessário considerar a doença mental, como qualquer outra doença e a ideia que se tem dela, um pouco misteriosa, reside no facto de as pessoas não visitarem os hospitais psiquiátricos.

É indispensável que no momento actual se faça o esforço de uma compreensão mais completa, mais global, do que é a doença mental. Conhecemos certos rituais que poderiam fazer pensar que estamos a assistir a cenas de histeria. É necessário rever o problema de tolerância para a doença mental: — A psiquiatria deve procurar encontrar os seus limites e não a sua extensão. — *É necessário não psiquiatrizar a vida!*

O Professor Henry Ey diz que considera a doença mental como um fenómeno natural, que tem um valor considerado em si próprio, ao mesmo tempo que apresenta um aspecto social, o que a diferencia de uma doença pulmonar ou cardíaca. Há alguns artistas, como Salvador Dali e Picasso, que sabem explorar este aspecto; *ajustam-se a uma personagem paranóica e criam e mantêm um mito*; e o que é interessante é que esse mito é admirado por muitas pessoas que os outros julgam que não têm nada de paranóicos, mas cujas apreciações e interpretações que expõem (mas frequentemente não percebem) são ditas somente para que os outros julguem que eles são artistas... e não diminuídos mentais, o que sucede frequentemente.

Referindo-se ao comportamento do doente mental, o *Professor Ey* diz que, ainda que pareça estranho, eles não se podem ajustar ao meio social e não podem pensar que é um erro o que dizem ou fazem porque eles pensam ou julgam segundo critérios que nascem da sua doença e das suas estruturas.

### O que devemos pensar da psicanálise?

O *Dr. Roland Cahen*, psicanalista e tradutor das obras de Jung pediu a palavra para entrar no debate.

Chamou a atenção para o facto de que, o que precisamos é esclarecer como devíamos viver no dia de amanhã. Diz que, ao ouvir as opiniões do *Prof. Ey*, parecia que ainda estávamos na época que precedeu os estudos de *Freud*. O *Dr. Cahen* não está de acordo com o *Prof. Ey* quando este diz que cada um de nós, quando dorme, cai num período de loucura; ora, segundo diz, o sono não é um estado de loucura, mas uma manifestação dinâmica da vida do nosso ser inconsciente. É necessário afirmar que o inconsciente não é um estado de loucura; é uma elaboração delicada de uma vida que será consciente amanhã. O sonho não é uma loucura! Eu posso sair do meu sonho; o que devemos é conhecer melhor o que é a inconsciência, para poder julgar sobre a loucura no futuro.

O *Dr. Ey* respondeu, afirmando calorosamente que não é adversário da psicanálise e que ele se ocupa do *inconsciente* descoberto por *Freud* e explorado por *Jung*; admite a importância do *inconsciente*, mas não admite que a força do inconsciente seja uma razão, antes pelo contrário.

### A falta de psiquiatras no mundo

Um dos congressistas queixa-se de não poder encontrar psiquiatras para todos os casos que lhe aparecem.

Que deve então fazer um médico perante um doente que necessite de ser visto e assistido por um psiquiatra? — Em Genebra, os psiquiatras estão muito ocupados e não podem receber, durante algum tempo, mais doentes a quem tenham de dar assistência; existe em Genebra, um «mercado negro» da psiquiatria, reservado a alguns privilegiados. Como é que podemos actuar para os curar?

O *Prof. Ey* lastima também que o número de psiquiatras seja insuficiente; diz que uns dos responsáveis são os psicanalistas que levam três anos a tratar um doente, tempo que certamente *Freud* não levaria; existe uma restrição, um maltusianismo da psicoterapia; é necessário limitar e abreviar o tempo de exame e de tratamento dos doentes. O *Dr. Cahen* diz que três anos não são demais para tratar um inconsciente; é de opinião que se deveriam orientar mais médicos para os estudos da psicologia.

*M. Rochedieu*, professor da Faculdade de Teologia de Genebra, elogiou o homem religioso, que encontra um remédio para a sua angústia,



na esperança; assiste-se a um renascimento da religião em todo o mundo, até mesmo ao nascimento de novas religiões, como no Japão.

O *Prof. Ey* conclui, dizendo que a liberdade do homem, não exclui o recurso à imaginação, ao irreal, ao maravilhoso e ao irracional; daqui resultam obras-primas, talvez loucas, mas os autores não o são: foram recursos aproveitados. Pelo que respeita à religião, o *Prof. Ey* é de opinião que o homem não pode conceber-se sem o sobrenatural e a religião: «até os marxistas têm a sua religião!...»

No fim de contas, do que se trata é de lutar contra a angústia e de se reencontrar para achar a força necessária para conter a parte de loucura» que existe dentro de nós.

Estes artigos e as conclusões do Congresso de Genebra, podem ter larga discussão e oposição; no entanto, julgamo-los de muito interesse para análise do momento social que atravessamos.

Em outro artigo estudaremos a criação da autopsicanálise e dos precursores da psicosomática.

#### CURIOSIDADES

● — Os malefícios causados pelo fumo dos cigarros — Em um colóquio sobre doenças crónicas, no curso de aperfeiçoamento para médicos internos dos hospitais na sessão de 2 de Fevereiro de 1967.

O Dr. Paiola da Mota referiu-se especialmente, aos estudos epidemiológicos sobre o cancro do pulmão, cuja incidência tem vindo a aumentar, assustadoramente, desde o início do século XX, registando-se, desde então, em alguns países, aumentos de quatro mil por cento e mais. As estatísticas referentes a Portugal, ainda que assaz incompletas, demonstram igualmente, a crescente gravidade daquela doença, que, entre nós, como lá fora, vitima sobretudo os indivíduos do sexo masculino, entre os 35 e os 74 anos.

Resumindo o resultado de numerosos estudos epidemiológicos, afirmou que «não é possível duvidar-se mais do importante papel etiológico que o fumo do tabaco — e, muito particularmente, dos cigarros — desempenha no desencadeamento daquela neoplasia. Se exceptuarmos os casos de origem profissional, que não chegam a cinco por cento do total, e os que devem ser desencadeados por factores ligados à poluição atmosférica e que, na opinião da maioria dos autores, que se têm consagrado ao assunto, não devem exceder dez por cento do total; os restantes casos de carcinoma brônquico primitivo do sexo masculino devem-se, sem dúvida, ao hábito de fumar».

O conferencista afirmou a certa altura ser inegável o risco de um indivíduo do sexo masculino em morrer de cancro do pulmão, o qual é, nos grandes fumadores de cigarros, trinta e mais vezes superior ao dos não fumadores. Actualmente, o uso e abuso dos cigarros pelas mulheres, vai conduzindo a percentagem para números iguais.

O antigo comandante Ferreira do Amaral da polícia de Lisboa, que passou muitos anos em África, dizia-nos: — Nós, os civilizados, estamos tão falsificados, que às vezes nem percebemos que estamos a disfarçar ou a mentir. Quando tenho um caso complicado a resolver e não encontro logo a solução, digo a mim mesmo: — O que resolveria um preto? — E a resposta, simplista mas clara e justa, vem-me imediatamente ao pensamento.

**Os vômitos grávidos**

Os vômitos da gravidez, são dificilmente combatidos. Este problema originou uns estudos feitos em Genève pelos *Drs. Locher, Laurencet e G. Ricca* que foram publicados no n.º 671 de 20 de Janeiro de 1965 na revista «*Medicine et Hygiene*», de que extraímos o seguinte resumo:

Os estudos principiaram por uma experiência com um antihistamínico, o maleato de dimetipirindene; concluíram pela eficácia do tratamento em 50 por cento dos casos, enquanto que nos outros 50 por cento o mesmo resultado foi obtido com placebos.

Os resultados, por semanas de gravidez, foram:

	Semanas				Por cento	
	4 a 8	9 a 12	13 a 16	17 a 20	50	
Número de doentes	8	11	17	14		
Sintomas	{ náuseas	1	1	1	1	8 %
	{ 1 a 4 vômitos/dia	6	9	12	11	76 %
	{ vômitos frequentes	1	1	4	2	16 %
Resultados	{ excelentes	3	8	15	10	72 %
	{ bons	3	3	2	4	24 %
	{ Nunos	2	0	0	0	4 %
Efeitos secundários	{ adinamia	1	1	3	2	14 %
	{ cefaleias		1			

Como pensavam que muitos casos andavam ligados a excitações nervosas, preocupações, etc., tentaram fazer um tratamento por sugestão por meio de *placebos* (hostias de lactose ou outros) e os resultados foram positivos em 50 por cento dos casos; fizeram outras experiências, uma (A) começando pelos *placebos* e a seguir o medicamento e outra (B) começando pelo medicamento e seguindo com os *placebos*. Os efeitos foram:

		Efeito favorável sobre	
		<i>náuseas</i>	<i>vômitos</i>
A —	{	21 casos em 38 55,2 %	21 casos em 36 58,3 %
B —	{	14 casos em 29 48,3 %	13 casos em 26 50 %

Concluíram, portanto que a desapareição dos vômitos pode ser tentada e obtida em metade dos casos, só com os *placebos*, o que não contraindica os tratamentos com outros medicamentos.





# Um novo antibiótico de acção mais intensa

## Eritina

(veja página seguinte)

**Indicações** — Infecções agudas e crónicas por germes Gram-positivos, nomeadamente por estafilococcus, estreptococcus, pneumococcus e meningococcus. Revela-se também eficaz contra algumas bactérias Gram-negativas, rickettsias, certos virus e parasitas (amibiase aguda e crónica).

Pela baixa toxicidade e largo espectro de acção a **Eritrina** torna-se o medicamento de eleição nas amigdalites, sinusites, bronquites, faringites, otites, osteomielites, endocardites, erisipelas, furunculose, piodermites, gonorreia e ainda em todas as situações com germes resistentes ou sensibilidade alérgica à penicilina.

**Posologia** — Segundo prescrição médica. Nas situações correntes e infecções de média gravidade, a dose indicada oscila entre 1 a 2 cápsulas (250 a 500 mgrs.) de 6 em 6 horas.

Nas infecções graves, especialmente nas osteomielites e endocardites agudas, as doses terão que ser muito mais elevadas e durante um tempo prolongado, de preferência sob o controle prévio do antibiograma.

— Prepara-se em frs. de 12, 24 e 100 cápsulas.

**Contra-indicações e efeitos secundários** — Não existem praticamente contra-indicações para o uso de **Eritromicina** a não ser que estejamos em presença de germes resistentes a este antibiótico, o que é raro.

Os efeitos secundários, já de si mínimos com a **Eritromicina** base, são ainda muito menores com o uso do **propionato de Eritromicina**, sendo raríssimas as manifestações alérgicas que se limitam a prurido e erupções cutâneas e ainda mais raras as depressões medulares ou perturbações das funções renal e hepática.

Contrasta ainda a **Eritromicina** em relação aos outros antibióticos de largo espectro, pelo facto de ter efeitos prejudiciais mínimos sobre a flora intestinal, sendo diminutos os casos de perturbação gastro-intestinal.

De entre os antibióticos de largo espectro, a **Eritromicina**, apresenta como característica fundamental a baixa toxicidade (Herrer-1958), sem perda de capacidade terapêutica, o que permite uma larga margem de manejo, com administração de doses elevadas durante tempo prolongado.

O Laboratório Sanitas reconheceu na **Eritina (propionato de Eritromicina)** o sal ideal pois, para a mesma dose oral, produz níveis sanguíneos mais precocemente elevados e mantidos durante mais tempo, além de uma toxicidade inferior à da própria **Eritromicina**.

# **Um novo antibiótico**

## **de acção mais intensa**

### **à disposição dos Srs. Médicos:**

## **a Eritina**

*Na vanguarda de um antibiótico de vanguarda, por meio da descoberta de um novo sal — o Propionato de Eritromicina*

que em doses iguais,  
produz níveis sanguíneos mais rapidamente e mais persistentes  
de onde resulta uma

**actividade bactericida muito mais acentuada**

Da comparação entre a Eritromicina e os seus sais correntes, resultam as seguintes conclusões:

1 — A Eritromicina-Base é parcialmente destruída pelo suco gástrico, destruição que é tanto mais elevada, quanto maior for o grau de acidez.

2 — Estearato de eritromicina — é tão sensível, ou mais do que a «Base» à acção do suco gástrico e os níveis sanguíneos que atinge são idênticos ou menores.

3 — O Laurilsulfato (estolato) é mais resistente ao suco gástrico, produz níveis sanguíneos mais elevados, mas a sua toxidez é também elevada, manifestando-se por alguns casos de disfunção hepática e icterícia.

4 — O Propionato (Eritina) é mais estável no suco gástrico do que a base; atinge níveis sanguíneos mais elevados e persistentes do que os outros sais, excepto o «estolato» mas é, de todos eles, o mais inofensivo, sob todos os aspectos.

Sobre indicações e posologia, veja a página anterior.